

**IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID- 19 NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA): AULAS REMOTAS¹**

**IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON YOUTH AND ADULT
EDUCATION (EJA): REMOTE CLASSES**

Rafaela de Solidade SANTOS

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5841-286X>

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: rafaelasolidade4576@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14194006>

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as problemáticas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de seus sujeitos, a fim de analisar os impactos causados no ensino e na aprendizagem devido à pandemia de Covid-19. A pesquisa foi realizada a partir de um estudo bibliográfico da EJA, pelo prisma da pandemia de Covid-19, além de observação participativa, grupo focal com os educandos, assim como entrevistas com a docente da classe de EJA e com a direção escolar, contando também com análise documental. A presente pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como se deu o ensino na EJA durante a pandemia de Covid-19, para atender os educandos em suas particularidades. No decorrer da pesquisa, constatou-se que os anos de pandemia foram desafiadores tanto para os estudantes da EJA quanto para todo o sistema educacional, afetando profundamente essa população e dificultando o processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, a pesquisa revelou o quanto ainda estamos no uso de meios tecnológicos, o quanto a EJA ainda é negligenciada e reforçou a convicção de que mudar e se reinventar é necessário.

Palavras-chave: Covid-19. Educação. EJA. Pandemia.

ABSTRACT

This work aims to understand the problems of Youth and Adult Education (EJA) and its subjects, in order to analyze the impacts caused on teaching and learning, due to the Covid-19 pandemic. The research was carried out based on a bibliographical study of EJA, through the prism of the Covid-19 pandemic, in addition to participatory observation, a focus group with students, as well as interviews with the EJA class teacher and the school management, counting also with documentary analysis. This research is justified by the need to understand how teaching took place at EJA during the Covid-19 pandemic, in order to

¹ O presente texto é parte constitutiva da monografia intitulada “Os processos de ensino e aprendizagem no 1º ciclo da educação de jovens e adultos: impactos da pandemia de covid-19”, apresentada e defendida no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, campus São Cristóvão, em 2022.

understand its students so that they can be attended to in their particularities. During the research, it was found that the years of the Covid-19 pandemic were challenging both for EJA students and for the entire educational system, in addition to hitting this popular class hard, hindering teaching-learning. On the other hand, it showed us how far behind we still are when it comes to technological means, how much EJA is still neglected and brought us the conviction that changing and reinventing ourselves is necessary.

Keywords: Covid-19. Education. EJA. Pandemic.

INTRODUÇÃO

Este estudo visa compreender as problemáticas da Educação de Jovens e Adultos (EJA)² e de seus sujeitos, a fim de analisar os impactos causados no ensino e na aprendizagem, devido à pandemia de Covid-19. Para isso, iremos sondar algumas práticas pedagógicas utilizadas por uma professora de Alfabetização de Jovens e Adultos (AJA) no município de São Cristóvão/SE. A modalidade é oferecida tanto para o ensino fundamental (EJA F1 e F2) quanto para o ensino médio (EJA EM) e, para ingressar nela, faz-se necessário ter idade mínima de 15 e 18 anos, respectivamente.

É dever de o Estado brasileiro oportunizar, a partir da EJA, garantias e direitos aos seus educandos. No entanto, essa modalidade de ensino enfrenta cotidianamente dificuldades de garantir um ensino de qualidade para aqueles que a EJA visa atingir: sujeitos que, por inúmeros motivos não tiveram condições de manter os estudos na idade regular.

Com a pandemia do coronavírus (Covid-19), os impactos negativos aumentaram e preocuparam os profissionais da educação, não apenas no que se refere à efetivação da aprendizagem, como também às questões psicossociais e à permanência desses alunos na escola, visto que já tiveram seus direitos negados, o que torna mais injusto que lhes sejam negados mais uma vez. Isso nos leva a refletir sobre as condições de oferta dessa modalidade de educação para os estudantes.

Em 18 de março de 2020, as escolas de Sergipe, assim como várias outras do país, foram obrigadas a pausar seus trabalhos, diante da pandemia de Covid-19, uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, que assolou o mundo. O germe pode se espalhar pela boca ou pelo nariz de uma pessoa infectada em pequenas partículas líquidas ao espirrar, tossir, falar ou respirar. Tal situação direcionou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a determinar medidas de distanciamento social para todos e quarentena para aqueles que apresentaram sintomas da doença.

A partir de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou diretrizes para orientar a implementação das aulas remotas da educação básica e nas instituições de ensino superior, devido à pandemia. Com isso, as escolas tiveram de se reinventar para continuar o processo de ensino e aprendizagem, dando início ao ensino remoto emergencial. No entanto, aos inúmeros obstáculos encontrados pelo público da EJA, soma-se a inacessibilidade de muitos aos meios eletrônicos, tornando ainda mais

² A EJA é organizada da seguinte forma: EJAEF I – Composta por dois Ciclos/seriados, são as séries iniciais do ensino fundamental: 1º ciclo – 2º e 3º ano; 2º ciclo – 4º e 5º ano, contendo 200 dias letivos cada – conclusão em dois anos. EJAEF II – 4 Etapas/semestres, é composta pelas séries finais do ensino fundamental: 1ª etapa – 6º ano; 2ª etapa – 7º ano; 3ª etapa – 8º ano; 4ª etapa – 9º ano, contendo 100 dias letivos. Ofertado pelas escolas municipais, o ensino fundamental pode ser concluído em 3 anos. EJAEM – ensino médio, podendo ser concluído em 1 ano e meio. Essa fase é ofertada pelas esferas estaduais.

árdua a conclusão de seus estudos no ensino básico.

A recomendação para a EJA foi de que, enquanto perdurasse a situação de emergência sanitária, as escolas deveriam considerar as condições de vida dos estudantes, para haver consonância na rotina de estudos e de trabalho. À vista disso, as escolas ficam responsáveis, também, por escolher a forma de ensino remoto que melhor se adequasse ao seu público-alvo, medida coberta pelo §2º da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020.

É válido destacar que os alunos de EJA, além de terem sido negligenciados quando frequentavam a escola na chamada “idade certa”, vivenciam, no cotidiano familiar e na sociedade, vergonha, preconceito, discriminação e críticas pela sua condição de analfabetismo (funcional). Assim, faz-se imprescindível uma abordagem circunspecta dessa modalidade no momento delicado que foi vivenciado.

A EJA possui uma diversidade de perfis, alunos de várias idades, com características distintas. Portanto, cada um tem seus motivos para desistir ou voltar a estudar. Entretanto, muitos não esperam encontrar a “velha escola” que deixaram lá atrás, onde carteiras continuam enfileiradas, o professor é o único detentor do saber e, por vezes, é o mesmo que lecionava quando o discente frequentava o ensino regular, sem formação continuada. O sistema de ensino é igual, os profissionais são os mesmos, mas os educandos são outros, o que requer da EJA novas educações.

Diante do exposto, será que, durante a pandemia de Covid- 19, os educandos foram assegurados em seus direitos? Dias; Pinto (2020) e Santos (2020) declaram que, para um Ensino à Distância (EAD) que resulte em aprendizagem, é imprescindível recursos tecnológicos para todos envolvidos, como: computadores, aparelhos de telefonia móvel e Internet de boa qualidade. Tais recursos não chegam às mãos da maioria dos estudantes da EJA, justamente por não terem condições financeiras, residirem em zona rural ou periferia, entre outros motivos.

É fundamental que os docentes assegurem aos seus educandos, a partir das atividades e dos assuntos abordados, clareza cognitiva. Tal clareza só se concretiza quando o aluno “[...] sabe que aprende, quando sabe o que aprende, porque aprende e como aprende” (Guedes, 2003 apud Leal 2013, p. 99). Porém, o que é perceptível são alunos dispersos, sem ânimo para “aprender” e sem saber o motivo de estudar determinados assuntos. Nesse sentido, Leal e Morais (2013, p. 32) destacam que:

Os professores, desse modo, precisam planejar situações didáticas diversificadas; adequadas ao objeto de conhecimento, ou seja, intervenções que promovam reflexões pertinentes sobre tal objeto; apropriadas aos níveis de conhecimento dos estudantes e à faixa etária do grupo-classe, que, neste caso, são jovens e adultos.

Assim, além de respeitar o nível de conhecimento, faz-se necessário levar em consideração o que o educando traz consigo. Isso porque, independentemente do nível de estudo em que o sujeito se encontra, ele possui conhecimento prévio de mundo e compreende sobre a importância de voltar à escola – pela vontade de aprender, socializar-se, adquirir o diploma etc., mesmo que nem sempre saiba justificar em palavras.

Esta pesquisa está centrada na revisão bibliográfica de estudiosos da Educação, principalmente da modalidade EJA, na análise documental, na observação participativa, grupo focal e na entrevista com profissionais de uma escola municipal do município de São Cristóvão/SE. A escolha dos métodos se deu por eles proporcionarem melhor análise e entendimento dos problemas contemporâneos da EJA, caracterizando-se, assim, os pressupostos de uma pesquisa qualitativa.

Durante um mês e oito dias de observação, com a aproximação de alguns alunos, foi possível conhecer um pouco mais de suas histórias, a partir de seus relatos de vida. Era possível perceber que eles gostavam desse momento, pois se sentiam percebidos. Todas as informações eram anotadas no diário de campo. Segundo Ludke e André (1986 apud Barros et al. 2013, p. 121), “no diário de campo é possível registrar dois tipos de materiais, sendo um descritivo e outro reflexivo: o primeiro descreve detalhadamente o ocorrido em campo e observado pelo pesquisador, o segundo inclui inferências pessoais sobre o material descrito”.

Durante uma semana na secretaria da escola, foram examinados documentos que regem o funcionamento da instituição: regimento escolar referencial da rede municipal de ensino de São Cristóvão/SE, Projeto Político Pedagógico (PPP) e situações de matrícula, transferência, evasão e desistência de 2013 a 2021. Os dados foram transcritos para um gráfico para posteriormente serem analisados.

Momentos remotos durante a pandemia

Com a pandemia de Covid-19 consolidada em março de 2020, as escolas públicas brasileiras foram obrigadas a encerrar seus trabalhos em sala de aula, com o intuito de evitar a proliferação do vírus letal. Houve grande dificuldade em remediar essa situação e persistência do quadro pandêmico assolando todo o mundo, o que impactou em todos os setores da sociedade – economia, saúde e inclusive a educação. Por conta de tal quadro, as instituições educacionais deram entrada no ensino remoto emergencial. Na escola estudada, as aulas on-line se iniciaram em agosto de 2020, com o retorno das aulas presenciais apenas em julho de 2021, sob protocolos de saúde, uso de máscara de proteção, distanciamento social etc.

Imersos em tamanha crise, no que tange à educação brasileira, o que vimos foram professores e alunos da noite para o dia sendo lançados em uma modalidade pouco trabalhada, desconhecida de muitos, com baixo nível de organização, além de precariamente estruturada a partir da utilização de programas já pré-existentes criados para o comércio das comunicações. (Brasil, Inverno de 2021. p. 122).

Dessa forma, muitos alunos da EJA pausaram seus estudos durante o ensino remoto, diante das inúmeras dificuldades encontradas antes e durante o processo. Isso porque muitos adolescentes não tinham disciplina para estudarem sozinhos em casa e/ou faziam tarefas domésticas, além de haver falta de suporte tecnológico, desemprego, entre tantos outros motivos que dificultaram a permanência ou motivaram a ausência dos alunos da EJA nas aulas on-line. De acordo com Souza, Santos e Junior (2021, p. 183):

[...] a desigualdade econômica, educacional e social no Brasil se configura como grande problema para a realização do ensino remoto. Ela dificulta o acesso e a permanência do discente, principalmente, da rede pública e, de um modo bem mais específico aos estudantes da EJA, uma vez que esses sujeitos, em sua maioria, não têm meios tecnológicos disponíveis que lhes permitam assistir às aulas, cumprir as atividades e interagir com o professor.

Nesse sentido, para melhor compreensão de como foi realizado o sistema de aulas remotas na instituição, foi realizado um grupo focal com os alunos do 1º ciclo e efetuado um questionário com a docente da turma e outro com a gestão da escola. Para

melhor entendimento da formação da classe trabalhada, será apresentado um quadro com a caracterização dos sujeitos:

Quadro 1 – Caracterização dos alunos.

| SUJEITOS | IDADE | ESTADO CIVIL | SEXO | NATURALIDADE | RELIGIÃO | PROFISSÃO |
|----------|-------|--------------|------|--------------------|------------|-----------|
| M1 | 18 | Solteiro | M | São Cristóvão (SE) | Nenhuma | Estudante |
| M2 | 15 | Solteiro | M | São Cristóvão (SE) | Nenhuma | Estudante |
| M3 | 18 | Solteiro | M | São Cristóvão (SE) | Nenhuma | Estudante |
| M4 | 17 | Solteiro | M | São Cristóvão (SE) | Nenhuma | Estudante |
| M5 | 15 | Solteiro | M | Alagoas | Evangélico | Palhaço |

Fonte: elaborada pela autora.

De início, foi perguntado àqueles que interromperam os estudos o que motivou tal interrupção. M3 justificou seu abandono com a repetência, assim como o seu envolvimento em “coisas erradas”. M4 foi retirado da escola pelo pai, que não o queria estudando, justificando essa resistência de seu pai pelos problemas de violência que ocorriam no ambiente escolar.

Questionados sobre a importância da escola para eles, M5 disse significar algo novo, no entanto, não soube explicar especificamente o que seria; para M2, significa tudo, mas também não soube dar um exemplo do que é esse “tudo”; M3 diz que “sem a escola você não tem o que você quer”; para M4, ela significa tudo – aprender a ler e ter um trabalho.

Em relação aos motivos que os fizeram reingressar no sistema educacional, todos relataram a vontade de aprender a ler e escrever. No entanto, apenas um (M3) soube dizer o que esperava da escola – “espero saber ler, escrever e fazer faculdade”. Está aí a importância de introduzir a disciplina de projeto de vida no ambiente escolar. Pois, significa trabalhar com esses sujeitos um propósito de vida para reconhecerem seus objetivos, seus sonhos e os seus potenciais. Além disso, a partir de um planejamento, é possível definir metas e estratégias para que eles consigam alcançar os objetivos que almejam.

As aulas durante o ensino remoto na escola foram realizadas através do grupo de *WhatsApp* da turma. Em relação ao desenvolvimento das atividades, a docente respondeu que suas aulas foram desenvolvidas através de videoaulas explicativas dos assuntos e exercícios.

M2 e M3 relataram que as aulas foram apresentadas por vídeos e as atividades eram enviadas por fotos, cabendo aos alunos copiarem em seus cadernos e responderem, dando a devolutiva por meio de uma foto. Nesse sentido, afirma Freire (2021, p. 122): “não há nada que mais contradiga e comprometa a emergência popular do que uma educação que não jogue o educando às experiências do debate e da análise dos problemas do que não lhe propicie condições de verdadeira participação”.

M5 não estava matriculado na escola durante o período on-line e M2 disse participar das aulas apenas no início, devido à preguiça e ao sono que o acometia enquanto assistia aos vídeos das aulas e o excesso de cobrança por parte da docente. M4 se matriculou durante o período remoto, porém não acompanhou as aulas e, quando indagado o motivo, respondeu que preferiu assim, pois não iria conseguir aprender pela

internet. M1 não participou do grupo devido à sua ausência no dia da realização da entrevista.

Souza, Santos e Júnior (2021, p. 179), destacam que, “a partir dessa conjuntura, a implantação do ensino remoto evidenciou ainda mais as disparidades socioeconômicas e culturais existentes no Brasil e descortinou as desigualdades sociais graves que já fazem parte do cotidiano da população vulnerabilizada”. Ou seja, a pandemia de covid-19 atingiu e vem atingindo de forma grosseira e implacável o público da EJA.

Diante do exposto, defendo, junto à Souza, Santo e Junior (2021, p. 172), que, “nesse contexto, recai sobre todos os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem pensar um ambiente escolar motivador que vise não só a despertar o interesse dos discentes, mas também a viabilizar recursos para manter esse público aprendendo de forma satisfatória e qualificada”. Isso não é fácil, visto que os discentes perdem facilmente a concentração até em aulas presenciais, porém é algo imprescindível, pois, assim como enfatiza Barcelos (2021, p. 84),

Se todo fazer educativo é uma busca permanente, a EJA exige uma revitalização desta a cada dia, a cada minuto. É desta persistência em estar permanentemente buscando dialogar com o imaginário destes (as) educandos (as) que poderá resultar em um processo de diálogo pedagógico solidário, ecológico e construtor de ensino/aprendizagem que conquiste – ou reconquiste -, que seduza ao invés de controlar ou prender.

A gestão respondeu, em seu questionário, que as aulas remotas se deram via grupos de *WhatsApp* e entrega de material impresso. No que concerne aos métodos adotados a fim de garantir o ensino e a aprendizagem àqueles que não possuíam aparelhos eletrônicos e/ou acesso à internet, os métodos utilizados foram a entrega de materiais impresso, livros e a realização de encontros para retirada de dúvidas, não ficando claro se os encontros ocorriam de forma on-line ou presencial.

Porém, quando questionado a M2 se ele foi procurado, orientado a pegar atividades impressas na escola, visto que não se adaptou ao ensino remoto, ele alegou que não, assim como os demais também desconheciam o movimento de entrega de atividades impressas. Compreendendo a importância do diálogo, principalmente em tempos remotos e tão incertos, foi questionado à docente e aos estudantes como o contato entre professora e alunos ocorreu. Ambos relataram ter se dado apenas por meio das videoaulas.

Nesse contexto, é bom refletir que “é essa distância física imposta na relação educacional que tem gerado certa ‘desumanização’ de todo o processo. Estamos nos referindo à humanidade presente nas salas de aula, à relação, conflituosa ou amistosa, entre professor e estudantes, em cada aula presencial, em cada turma.” (Fantinato, Freitas e Dias, 2020, p.119). Levando em consideração que até esses momentos de conflitos fazem parte do desenvolvimento e da aprendizagem, Fantinato, Freitas e Dias (2020, p. 120), enfatizam que:

[...] toda essa dinâmica é, em geral, muito mais sentida pelos estudantes da EJA, pois uma aparentemente simples rotina de sair de casa e ir até a escola, pode ter significados fortes, relacionados, inclusive, à liberdade. O contato com os amigos e professores da escola pode significar, por exemplo, sentir-se mais aceito pela sociedade, ou ainda, simplesmente mais visibilizado nela.

Em relação aos desafios enfrentados durante o ensino remoto, os alunos relataram não terem tido nenhum, mesmo com a baixa participação deles pelos motivos

já citados (preguiça, sono, dificuldade de aprender via internet, não efetivação de matrícula etc.). A docente destacou, como maiores dificuldades, a falta de compromisso, a desmotivação de alguns alunos e a demora da devolução das atividades para correção.

A falta de planejamento e estrutura adequados para execução das aulas, na maioria das vezes, resulta em um ensino com atividades para serem respondidas em função de uma nota, para que se possa cumprir a carga horária do ano letivo. Isso nos conduz à concepção de educação bancária, de Paulo Freire (2019, p. 80):

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los.

Nesse sentido, os alunos não são chamados a refletir. Eles se tornam “recipientes” que são “enchidos” pelos educadores. “É possível, mesmo diante dos desafios, vislumbrar novas possibilidades, onde os estudantes se tornem protagonistas dos seus processos de aprendizagens, ou seja, mostrem-se capazes de ressignificar a forma de apreender e aprender” (Silva, Freiras e Almeida 2021, P. 06).

Segundo Souza, Santos e Junior (2021, p. 179) “a pandemia só reforça o ciclo de exclusão desses educandos, pois os sujeitos da EJA, de modo geral, são também vítimas do trabalho precário, da instabilidade e dos baixos salários.” No que se refere à volta às aulas presenciais ainda em tempos de pandemia, segundo a gestão, a instituição foi preparada para receber de volta os alunos, observando o protocolo de segurança, comprando equipamentos de proteção individual (EPIs) e preparando os funcionários.

Em relação à assistência oferecida ao corpo docente no aspecto didático-pedagógico pela gestão e pelos órgãos competentes (Secretaria Municipal de Educação e Prefeitura Municipal), a professora relatou realização de reuniões remotas com o corpo docente com intuito de apresentar práticas aplicáveis de acordo com a realidade pandêmica. Além disso, foram oferecidos cursos de aperfeiçoamento digital pela Secretaria Municipal de Educação, a fim de familiarizá-los com as novas tecnologias.

Questionada sobre como avaliava o desenvolvimento dos alunos em relação ao ensino remoto, se melhorou, piorou ou continuou igual, a docente alegou ter melhorado, porém, em uma de nossas conversas, ela relatou não ter gostado do ensino remoto nem se adaptado a ele, pois a participação dos alunos era escassa, alguns não aprendiam e o *feedback* das atividades só era dado depois de um longo período.

Para finalizar, com o propósito de identificar se o ensino proposto estava tendo funcionalidade na vida social dos educandos, foi indagado se eles identificavam alguma relação entre os assuntos trabalhados nas aulas ofertadas com práticas ocorridas em seu dia a dia; eles não souberam responder. Isso ocorre porque “a educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contassem” (Freire, Shor, 2021, p. 27).

Assim, as palavras que seguem à risca um currículo que nada tem a ver com a realidade dos educandos não passam de uma oralidade enfeitada e bonita. Todavia, atingidos, excluídos e estigmatizados, eles continuam em busca da tão idealizada alfabetização. Fantinato, Freitas e Dias (2020, p. 120-121) consideram que:

Tal situação na EJA tem significado um processo de invisibilização de seus estudantes, indivíduos que, muitas vezes, já são invisibilizados em nossa sociedade. Tem significado também a desumanização dos sujeitos liminares, ou

sujeitos subalternos, por contribuir para o aumento das múltiplas exclusões a que são submetidos.

Sabemos que essa conturbação na instalação do ensino remoto não só na escola escolhida como *lócus* de estudo, mas também em inúmeras escolas do país se deu também devido ao grande atraso que as instituições públicas de educação no Brasil têm em relação à tecnologia. Tal situação ocorre porque os poucos laboratórios de informática contidos nas escolas dificilmente funcionam, as redes de internet são protegidas com senhas e os alunos que possuem aparelho celular são censurados quando tentam fazer uso deles em sala de aula. Nesse sentido, Freire e Guimarães (2021, p. 50) nos alertam:

[...] forçada, desafiada, posta no canto da parede, sobretudo nesses bons pedaços de vinte ou 25 anos para cá, a escola se obriga a mudar. Ela se obriga a deixar de ser um espaço preponderantemente fabricante de memórias repetitivas, para ser um espaço comunicante e, portanto, criador. E, para isso então, ela não poderia jamais deixar de ter, como auxiliares extraordinários, todos os meios de comunicação.

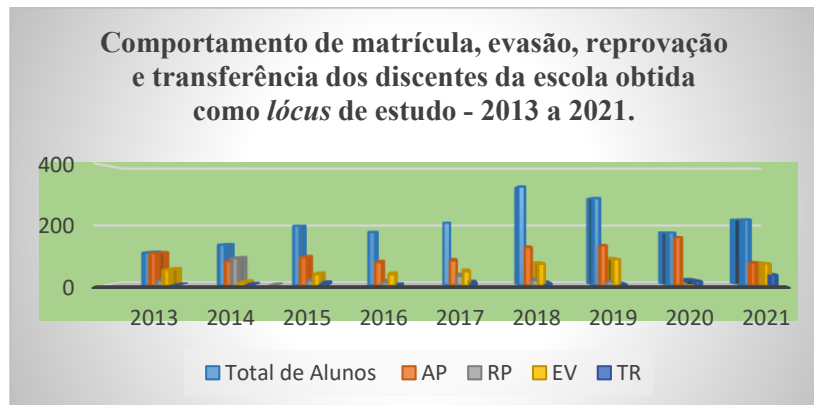
Os professores tiveram cursos de aperfeiçoamento, receberam verbas para manutenção tecnológica, foi investido no ensino, mas e na aprendizagem? Os alunos continuaram sem internet, sem aparelho celular ou computador e sem emprego, por vezes sem ter o que comer, sem perspectivas, sem ensino e sem aprendizagem, Souza, Santos e Junior (2021, p. 183) enfatizam que:

[...] essa conjuntura de exclusão digital e social requer do poder público uma preocupação especial, a busca de uma solução que inclua esse sujeito que vem sendo ignorado pelos governos e suas respectivas políticas educacionais, relegando ao segundo plano esse grupo que, por distintos motivos, não pôde concluir os estudos a nível básico, no tempo pré-estabelecido pelo sistema vigente, e anseia finalizá-los em um período mais curto.

Houve desenvolvimento dos alunos, porém tal evolução está relacionada ao momento em que os alunos deram entrada no sistema educacional da EJA até o momento da pesquisa. Durante as aulas on-line, os alunos ficaram estagnados, dessa forma, considerando toda a situação de exclusão digital e social, a falta de um atendimento educacional adequado aos educandos, consideramos ter sido o ensino remoto bastante desafiador para todo o sistema educacional, além de exclusivo e prejudicial para os educandos da EJA.

As vulnerabilidades já comuns à EJA se acentuaram no contexto pandêmico, e a sobrevivência dessa modalidade demanda um esforço homérico por parte das escolas para que as turmas simplesmente não desapareçam (Souza, Santos e Junior, 2021, p. 180). Almejando detectar os impactos da pandemia também na entrada do educando na modalidade EJA e na sua saída, iremos à análise do gráfico a seguir a partir dos dados dos últimos 9 anos.

Gráfico 1.



Fonte: elaborado pela autora.

Podemos perceber que, em 2020, ano em que foram interrompidas as aulas, houve uma queda significativa de 39,51% na efetivação de matrículas em relação aos últimos três anos; já em 2021, o número de matrículas voltou a crescer, havendo um aumento, em relação a 2020, de 25%. As transferências aumentaram 98,33% em 2020, maior número durante os últimos oito anos. Em 2021, o número de transferidos bateu o recorde, totalizando cerca de 40 alunos. É válido lembrar que nem todos os estudantes que pedem transferência de escola chegam a efetuar, de fato, a matrícula em outra.

Em relação à aprovação dos alunos nos anos letivos de 2020 e 2021, 100% foram aprovados por progressão de curso, sistema que visa assegurar o acesso escolar dos estudantes e, ao final do ano letivo, serão classificados no ano escolar subsequente, amparados pela resolução normativa nº 15/2020/CEE (2020), a mesma consta em seu Artigo 12 que:

Em caráter excepcional, as instituições educacionais poderão, no ano letivo de 2020, emitir nos instrumentais escolares dos educandos a terminalidade/aprovação do ano/série ou outra forma prevista na legislação vigente no ensino fundamental ou no ensino médio e suas modalidades do educando, desde que possuam frequência de 75% da carga horária mínima anual de 800 horas.

Porém, mesmo assim, em 2021 o número de evasão voltou a subir e o de transferidos é o mais alto em todos os nove anos. A questão de tantos impactos negativos no ensino e na aprendizagem fala muito sobre o atraso tecnológico nas escolas públicas brasileiras. “O uso dos meios, de um lado desafia, mas, de outro, possibilita uma amplitude da criatividade dele (professor) e do educando. O problema é que as escolas estão sempre muito atrasadas com relação ao uso da tecnologia, dos instrumentos, por várias razões, até por falta de verba, em países como o nosso” (Freire; Guimarães, 2021, p. 75).

Se a negligência à inserção dos meios tecnológicos nas escolas não fosse tão gritante, o processo de ensino-aprendizagem, assim como os envolvidos nele, teriam passado pelo ensino remoto emergencial sem tantos e grandes impactos negativos. Infelizmente, a camada mais carente da nossa sociedade sempre tem de pagar as consequências de algo que poderia ter sido tratado com profilaxia.

Diante do exposto, podemos perceber as lacunas nas situações de matrículas das classes de EJA durante os anos de pandemia de Covid-19. É nítida a dificuldade de permanência dos alunos, mesmo com o sistema de progressão continuada, a qual visava exclusivamente à classificação e não à aprendizagem do educando, podendo este se

isentar totalmente de suas atividades. Dado que os números de transferências cresceram em disparada no último ano, a pandemia se mostrou como mais um gargalo na modalidade EJA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho pretendeu compreender as problemáticas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de seus sujeitos, a fim de analisar os impactos causados no ensino e na aprendizagem, devido à pandemia de Covid-19. O tema da pesquisa possibilita compreender a situação o ensino e a aprendizagem na EJA durante este momento pandêmico, a fim de entender seus educandos para que pudessem ser atendidos em suas particularidades.

Foi possível perceber que os alunos se sentiam desmotivados com o ensino remoto, a baixa autoestima também era constante, fazendo-os duvidar de suas capacidades, dificuldades com acesso e manuseio com as novas tecnologias também foram detectadas.

A gestão levou em consideração a dificuldade de acesso à internet dos alunos da EJA, a falta de incentivo e locomoção para a retirada do material impresso, o quadro de enfermidade e o desemprego do aluno como seus maiores desafios. Entretanto, levando em consideração a escassez de atitudes em virtude da melhoria desses quesitos que atingiram o alunado da EJA, esses desafios dizem respeito aos educandos e não à gestão.

Durante a experiência de observação participativa, assim como a realização do grupo focal, foi possível compreender que a escola significa para os sujeitos da EJA uma oportunidade de aquisição da leitura e da escrita, assim como uma passagem para melhoria de vida/aquisição social. Ainda segundo eles, isso poderia torná-los cidadãos participativos na sociedade, pois são esses os motivos que os fizeram voltar à escola e é esse (ou deveria ser) o papel da EJA.

A análise permitiu concluir que os anos de pandemia de Covid-19 foram além dos mais desafiadores tanto para o alunado da EJA quanto para os docentes e todo o sistema educacional, como também atingiu em cheio essa classe popular e atravancou o ensino-aprendizagem. Por outro lado, mostrou-nos o quanto ainda estamos atrasados, inclusive no que se diz aos meios tecnológicos, o quanto a EJA ainda é desamparada e negligenciada e nos trouxe a convicção de que mudar, inventar e se reinventar é preciso. Além disso, com o ensino remoto emergencial, as dificuldades multiplicaram-se para os alunos da EJA, o que conseqüentemente aumentou o número de evasão escolar. Também isso confirma a hipótese, a partir dos números de matrículas e evasões, assim como o atraso no nível de alfabetização em que os educandos se encontravam.

Diante do exposto, durante a pandemia, especificamente no ensino remoto emergencial, o ensino na modalidade EJA não foi trabalhado de modo a garantir o aprendizado e a permanência do estudante na escola, visto, também, que a assistência didático pedagógica fornecida ao alunado da EJA não foi suficiente para que pudessem passar por esse momento sem graves conseqüências em seu desenvolvimento escolar.

É necessário o fornecimento de assistência tecnológica para os sujeitos da EJA, assim como cursos de informática para que jovens, adultos e idosos possam assegurar sua entrada no circuito de direitos. Ao aplicarmos essa proposta, inferimos que, antes de qualquer coisa, uma gestão democrática, o hábito da pesquisa e o processo de formação continuada do professor é imprescindível para uma educação atualizada e de sucesso. É necessário levar em consideração a realidade do alunado, respeitar suas especificidades e

considerar seu conhecimento prévio de mundo para que possamos ter resultados efetivos e consolidados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barcelos, Valdo. **Formação de professores para a educação de jovens e adultos**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 3ª reimpressão, 2021.

Brasil. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Publicado em: 18. Mar. 2020 | Edição: 53 | Seção: 1 | Página: 39. Disponível em: PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020 - PORTARIA Nº 343, DE 17 DE MARÇO DE 2020 - DOU - Imprensa Nacional (in.gov.br). Acesso em: 15, out. 2021.

Legisweb. **Resolução Normativa nº 15 de 03/12/2020**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=405591#:~:text=Estabelece%20diretrizes%20operacionais%2C%20em%20car%C3%A1ter,Estado%20de%20Sergipe%20acerca%20do>. Acesso em 25, fev. 2022.

Fantinato; M. C. Freitas; A. V. Dias; J. C. de M. "Não olha para a cara da gente": **ensino remoto na EJA e processos de invisibilização em contexto de pandemia**. Revista Latinoamericana de Etnomatemática. Vol. 13. 1 jan.- abr. 2020. Disponível em: Vista de "No nos miras a la cara" (etnomatematica.org). Acesso em 26 Jan. 2022.

Ferreira, T. B. Andréa et al. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. – (Coleção Estudos em EJA).

Freire, Paulo; Guimarães, Sérgio. Educar com a mídia: **novos diálogos sobre a educação**. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

Freire, Paulo; Shor, Ira. Medo e ousadia: **o cotidiano do professor**. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

Freire; Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

Gazoli, D. G. D. et al. **Afetividade e letramento na perspectiva de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.

Leite, Sandra Fernandes. **O Direito à Educação Básica para Jovens e Adultos na Modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. – 1. ed. – Curitiba. Editora CRV, 2013.

Menezes, S. M. de C. Conselho nacional de educação. **Alinhamento das Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade**. Processo nº 23000.023516/2019-46. Parecer CNE/CEB nº 6/2020. 2020.

33q da Educação. Educação e Coronavírus: **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. 28 abr. 2020b. Disponível em: CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia - MEC. Acesso em: 15, out. 2021.

Organização Mundial da Saúde (OMS): **coronavirus disease (COVID-19)**. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. Acesso em 10, out. 2021.

Ppp – Projeto Político Pedagógico da Escola, São Cristóvão/SE, 2011.

Regimento Escolar Referencial da Rede Municipal de Ensino de São Cristóvão/SE, 2019.

Secretaria de Educação. **Regimento escolar referencial da rede municipal de ensino de São Cristóvão/SE**. São Cristóvão, 2019.

Silva; C. R. Da. Freiras; A. C. S. Almeida; N. R. O. de. A EJA e o ensino remoto emergencial: **um olhar discente**. Ensino em Perspectivas. Fortaleza. v. 1, n. 1, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6626>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Souza, G. Dos S.; Santos, J De O. S.; Júnior, A. S. C. Narrativas de estudantes da EJA no contexto da pandemia da covid-19: **reflexões a partir do olhar freiriano**. Revista Educação e Ciências Sociais. Salvador. v.4, n.7, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/view/11745>. Acesso em 02 dez.2021.